

Proposta para um grupo de Estudo de Lacan

Marcelo Augusto Veloso

Ler Lacan não é uma tarefa fácil! Que o digam Claude Lévi-Strauss, Merleau-Ponty, Heidegger e Paul Ricoeur.

Creio que há várias razões. Elenco algumas que me ocorrem.

Comumente se diz que seu estilo é barroco; na verdade, o estilo de Lacan não é linear, combinando, placidamente, a composição das orações. Ele prima pelas orações complexas, sejam coordenadas e/ou subordinadas. Mais do que isto, é de uma ousada elaboração da escrita. Como na escultura, na arquitetura e arte decorativa barrocas, a sua escrita abusa das curvas e o seu leitor terá que surfar nestas suas ondas, ora luminosas, ora crepusculares.

Se esse estilo já complica nos seus Escritos, a situação fica mais complexa com os Seminários. Em geral, o escritor, ao redigir um texto, tende a trabalhá-lo de forma que ele se torne acessível a quem o lê (às vezes, não é o caso de James Joyce ou Osman Lins, por exemplo; as generalizações são sempre furadas pelo singular). Os Seminários, por serem orais, possuem outra dinâmica: a fala fica mais solta, mais livre, com pontuação um tanto indefinida. Essa é a fala de Lacan nos seus Seminários. Diz a E. Roudinesco que ele teria aprendido este estilo de ensino oral do seu mestre Kojève. Ora, algum ouvinte estenografou e, posteriormente, transcreveu a sua fala. Já há aí, neste processo, três momentos significativos na transmissão de um discurso: a fala de Lacan; um texto estenografado; um texto transcrito. Portanto, uma triplíce autoria. Esta mudança de um texto oral para um texto escrito não é uma empreitada simples. Nesta travessia, algo do estilo oral é sacrificado e perdido, quando colocado por escrito. O estilo oral é uma encenação, com um ator, no caso, e uma platéia; o feitiço deste momento não é possível ser transposto para a escrita. O leitor tem acesso ao produto, a produção foi-se. Ficou o enunciado, foi-se a enunciação. Cabe acrescentar um quarto momento nesta composição: o texto que chega aos leitores estabelecido por Jacques-Alain Miller.

Parece que Lacan foi um rato de biblioteca. Lendo-o, o leitor se confronta com um volume enorme de informações que provêm das mais diversas áreas do conhecimento. Dá-me a impressão que ele devorava os livros. Além dessa fome de leitura, há de se supor que ele deveria ter uma “equipe” de amigos que lhe facilitava as informações transmitindo-lhe aquelas que, sabiam eles, interessavam às elaborações do mestre; incluíam-se também pensadores, seus contemporâneos que lhe forneciam informações preciosas. Esse fato, sem dúvida, dificulta a compreensão do seu texto, pois o seu leitor não tem acesso e nem domina todas estas informações. Acrescente-se a este universo de informações, os interlocutores de Lacan. Seus interlocutores não eram apenas os seus alunos, como também os pensadores, seus contemporâneos, presentes, às vezes, aos seus Seminários ou que lá não

estavam, porém discutiam, na cena cultural de Paris, suas elaborações teóricas. Seus atuais leitores não têm como recuperar esses debates, *intra muros* e *extra muros*. Nessa conjuntura, não devem ser esquecidos os conflitos entre as diversas instituições psicanalíticas (IPA, SPP, SFP, EFP) que cruzavam o discurso lacaniano.

Lendo os seus Seminários, tenho a sensação que Lacan pratica a regra básica da associação “livre”. Ele segue colando frases atrás de frases sem muita preocupação do que se espera da lógica da elaboração da escrita que pretende transmitir um conhecimento. A forma e a informação, o continente e o conteúdo fundem-se a partir da regra básica. Parece que se enuncia um Significante e os significados vão deslizando até dar o nó na tecelagem, o ponto de basta (*point de capiton*).

Uma imagem que faço de Lacan, como mestre, é de um arguto alquimista. Permanecendo fiel ao ensino de Freud, ele segue combinando este ensino com as contemporâneas aquisições do conhecimento, não existentes na época de Freud. Alquimista ou cozinheiro que vai misturando a matéria prima com os mais diversos temperos para compor um novo prato. Ou mesmo um tapeceiro que vai trançando fios de diversas cores para dar vida à sua peça. Sem dúvida, ele foi um ousado hermenêuta da obra freudiana. Como qualquer leitor, o que ele fez foi uma releitura da obra freudiana. E ele não era qualquer leitor, era um leitor sagaz. Ele é freudiano, porém já não é mais freudiano, é lacaniano. Quando um escritor entrega seu texto ao público leitor, ele, o escritor, “morre”. O contato do leitor é com a obra escrita, com ela é que vai dialogar. O sentido, preciso, que o escritor quis dar já está perdido para o leitor, para sempre (se é que este sentido preciso exista). Permanece a sua intenção, no caso de Freud, decifrar o enigma do psiquismo humano através de um aparato teórico. Esta era a sua intenção, é o que depreendo do seu entusiasmo ao escrever para Fliess quando encerra *A Interpretação dos Sonhos*. O futuro leitor, a partir do seu *da-sein*, isto é, a partir de uma outra situação, que não é a do escritor, nova se quiser, se aproxima da obra escrita com uma tradição que, além de incorporar a do autor, incorpora, também, outras aquisições. Por fim, ele entra na obra com perguntas e preocupações outras, que o autor não se fazia. E é a elas que ele quer responder. Talvez caiba aqui uma imagem utilizada por Bernardo de Chartres (século XII) a respeito do retorno que os intelectuais medievais fizeram aos escritores greco-latinos da antiguidade: “Somos anões elevados nos ombros de gigantes. Assim vemos melhor e mais longe do que eles, não porque nossa vista seja mais aguda ou a nossa estatura mais alta, mas porque eles nos elevam até o nível de toda a sua gigantesca altura”. Essa imagem diz bem como vejo Lacan, sobre os ombros de Freud (e, de resto, nós sobre os ombros de Freud e Lacan). Esta maneira de apreender a hermenêutica ajuda a compreender como, a partir de uma grande obra de um autor se diversificam várias tendências, todas se achando a legítima intérprete do pai fundador. Isto tem acontecido com os leitores de Freud (ipianos, lacanianos, laplancheanos...). Não é o mesmo fenômeno que se tem verificado com a obra de Marx? Nesse debate hermenêutico algumas interpretações, apesar de diferentes, permanecem atadas às balizas teóricas da tradição freudiana. Outras tomam tal distância dessas balizas que se desfaz o laço com a tradição. Não seriam estes os casos de Jung, Adler, Reich, entre outros?

A minha proposta de estudo tem como finalidade nos facilitar a leitura da obra lacaniana. Facilitar nos dando uma orientação no manejo dos conceitos, das articulações propostas por

Lacan. Para isso, creio que é fundamental se aproximar das fontes onde ele foi beber para elaborar o seu arcabouço teórico.

Inicialmente, a fonte primeira do Lacan psicanalista: Freud. A leitura da obra histórica de E. Roudinesco é de fundamental importância, pois ela vai mostrando e deslindando o percurso de Lacan. Em seguida, vêm as obras que subsidiaram a hermenêutica de Lacan, leitor de Freud: a Fenomenologia do Espírito de Hegel; a obra de Lingüística de Saussure e Jakobson; As Formas Elementares do Parentesco de Claude Lévi-Strauss; a obra de Heidegger. Evidentemente que não se trata de um estudo exaustivo desses pensadores, porém se faria um recorte daqueles conteúdos que interessam para a compreensão da obra lacaniana. Atenho-me, nesta proposta, a estes teóricos; há outros que não me atrevo a sugerir, pois não tenho nenhum domínio, como, por exemplo, a matemática, a lógica contemporânea.

Praticamente, como viabilizar esta proposta?

Proponho cursos regulares para Hegel, Saussure e Jakobson, Claude Lévi-Strauss e Heidegger. Para tal, seriam convidados profissionais competentes nestes pensadores para ministrar um curso de 45 horas para cada um deles. Seriam, apenas, cursos introdutórios. Estes profissionais seriam devidamente remunerados pela sua prestação de serviço. Os membros do Traço não pagariam. Eventuais interessados pagarão, como é de costume. Quanto à obra de Freud, já existem dois grupos de estudo funcionando. A obra histórica de E. Roudinesco poderiam ser lidas em grupos de estudo.

Para encaminhar e executar esta proposta, a Assembléia deveria aprovar uma Comissão de Estudo, que cuidaria do seu aviamento, eleita para um período de um ano. Caso esta proposta seja aceita, seus encaminhamentos deveriam ser feitos já no segundo semestre deste ano para ser executada no próximo ano de 2007.

Olinda, 09.06.06

Marcelo Augusto Veloso